

Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, público que nos acompanha através dos meios de comunicação desta Casa, depois de 11 anos, o País volta a conhecer a realidade no campo pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística — IBGE, através do Censo Agro 2017.

Os resultados indicam avanço tecnológico e de produtividade, mas também mostram dados preocupantes: o envelhecimento dos produtores, cada vez menos jovens na lida e o uso crescente de agrotóxicos.

No Rio Grande do Sul, pela primeira vez, um censo agropecuário indicou que menos de 1 milhão de pessoas estão ocupadas em estabelecimentos agropecuários; em 11 anos o meio rural gaúcho perdeu mais de 248 mil trabalhadores, cerca de 20% no total; em 2006 o número de propriedades rurais no Estado era de 441.000 (quatrocentos e quarenta e um mil), já em 2017 o número caiu para 365.052 (trezentos e sessenta e cinco mil e cinquenta e dois) propriedades, ou seja, ocorreu uma concentração, os que não conseguiram mais tirar o sustento de suas terras acabaram vendendo-as e migrando para o meio urbano.

Além disso, Rio Grande do Sul é um dos Estados que tem um fluxo migratório negativo, ou seja, há mais gente que vai embora do Estado do que vai morar lá. As projeções do IBGE são de que o Estado continue a exportar gente nas próximas décadas; em 2060, serão 384 mil pessoas a menos do que em 2018.

Apesar de o Censo Agro ter mostrado um avanço tecnológico, esta tecnologia ainda não chegou em muitos lugares; das pouco mais de 365 mil propriedades gaúchas, 214 mil não têm acesso à Internet e 330 mil não possuem e-mail. Se o acesso à Internet está complicado, a Assistência Técnica e Extensão Rural não fica atrás, 49% das famílias rurais não têm acesso à assistência técnica e essa porcentagem piora nas famílias com até 10 hectares, chegando a 65%.

Foram visitadas 5,07 milhões de estabelecimentos em todo o País, sendo

365 mil, só no Estado do Rio Grande do Sul. Embora o Censo Agro 2017 tenha mostrado um aumento do percentual de mulheres na labuta, a maioria dos produtores continua sendo composta por homens, inclusive no Estado. Em relação ao nível de educação, a situação melhorou, mas ainda é preocupante, sendo que a maior parte dos entrevistados sequer concluiu o ensino médio.

Outro dado preocupante é o aumento do percentual de produtores com mais de 65 anos, no Estado passou de 17,5% para 23,1%, um aumento de 5,6% na população idosa que atua no campo, enquanto a quantidade de jovens diminuiu de 1,9% para 1,2% na faixa etária de até 25 anos. Estes dados confirmam o que já se via na prática e amplia a incerteza da sucessão rural. Em 20 anos, estima-se que os idosos possam ser maioria.

Nas próximas décadas, o envelhecimento da população brasileira se fará sentir cada vez com mais intensidade. Até 2060 um quarto da população deverá ter mais de 65 anos, e o País já terá mais idosos do que crianças. O Rio Grande do Sul será o primeiro Estado a ter mais idosos do que jovens, já em 2029.

O avanço no uso de agrotóxicos também é um motivo de preocupação. Nos últimos 11 anos, aumentou 20,4% no País. Em 2006, data do penúltimo Censo Agro realizado, 62% das unidades do Rio Grande do Sul faziam uso de agrotóxico, o percentual chegou a 70,3% em 2017, ano do último Censo Agro.

Estes dados, senhoras e senhores, são de extrema preocupação. Precisamos fazer algo para tornar o campo mais atrativo para os nossos jovens, investir em políticas públicas para que o campo não envelheça, o acesso à tecnologia chegue para todos, para que possamos produzir mais e melhor, sem agredir o meio em que vivemos.

Lembrando: *“Se o agricultor não planta, a cidade não almoça e não janta”.*